



O JOGO DE CONTRADIÇÕES ENCENADO NO CONTO “OS PRIMOS DE CAMPOS”, DE CHICO BUARQUE

Elis Nogueira Ferreira e Isabela Oliveira Santos¹. Vinícius Lourenço Linhares²

RESUMO

Inserida na pesquisa “A escrita como forma e trabalho estético em contos da ficção brasileira contemporânea”, este trabalho analisa o modo como se encenam contradições na construção de alguns personagens do conto “Os primos de Campos”, de Chico Buarque, bem como são encenadas algumas relações raciais insinuadas a partir das referidas contradições. Metodologicamente, o estudo se valeu da crítica literária dialética e da enunciação como operador conceitual para a leitura literária crítica. Os resultados encontrados até o momento apontam para a construção de uma peça literária que acolhe profundas contradições da vida social brasileira, a exemplo das relações raciais, sem, no entanto, cair em uma lógica dualista ao encenar os temas acolhidos por Chico Buarque na construção do conto ora analisado.

Palavras-chave: Enunciação. Contradição. Personagem.

1 INTRODUÇÃO

O estudo de narrativas literárias contemporâneas – em especial *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende, *A tradutora*, de Cristovão Tezza, e *Diário da queda*, de Michel Laub –, focalizando, sobretudo, a escrita como (meta)exercício na/de composição das referidas obras foi satisfatoriamente realizado nos marcos iniciais propostos pelo estudo a que tais obras estiveram vinculadas. Tal estudo, por sua vez, foi objeto do projeto “A escrita como forma e trabalho estético na prosa brasileira contemporânea”, aprovado pelo Programa Institucional de Fomento a Bolsas de Pesquisa do IFMG, orientado pelo Edital 65/2022 (LINHA B) e finalizado em março de 2023.

Em caráter de continuidade, um novo projeto foi apresentado e aprovado no/pelo Edital 373/2024 (bolsas FAPEMIG e CNPq), vem sendo desenvolvido haja vista a vasta produção literária contemporânea e sua miríade de publicações e temas, impossibilitando, obviamente, a

¹ Discentes do curso técnico integrado em Administração, 3º ano, no campus IFMG Sabará.

² Doutorado em Literatura de Língua Portuguesa. Professor no IFMG Sabará.



conclusão desta pesquisa em termos quantitativos, mas, claro, possibilitando a sua conclusão em termos formais e em função dos resultados, ainda que parciais, gerados.

Nesta nova etapa da pesquisa, os esforços voltaram-se para a leitura literária da coletânea de contos presente em *Anos de chumbo*, publicada em 2021, pela Companhia das Letras, cuja autoria é de Chico Buarque. Assim, após a leitura dos contos e recortes demandados para a pesquisa atual, escolheu-se o conto “Os primos de Campos”, tomado como *corpus* de investigação. Feitas, também, algumas leituras teóricas circunscritas aos marcos do projeto, iniciou-se o exercício da escrita e da leitura crítico-analítica do referido conto.

Posteriormente, discutidas algumas possibilidades analíticas para o conto em questão, chegou-se ao seguinte objetivo geral: analisar o modo como se processam enunciativamente contradições na construção de alguns personagens do conto “Os primos de Campos”, de Chico Buarque, bem como aí também são encenadas algumas relações raciais, derivadas do expediente das contradições.

2 DESENVOLVIMENTO

Delineada pelo linguista Émile Benveniste, a enunciação é definida por este como o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno” (BENVENISTE, 1989, p.84).

Esse ato de apropriação individual, por sua vez, só pode acontecer diante do outro, expresso pelo pronome de segunda pessoa TU. Por isso “[...] toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 1989, p.84). E, uma vez que o par EU e TU correferencia o assunto tratado como temática da interlocução, representado pelo pronome ELE, no aqui/agora da enunciação, “[...] a referência é parte integrante da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p.84). O mesmo autor também concebe a linguagem humana como uma atividade constitutiva e, por isso, nas palavras do autor:

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de 'ego' [...] *ego* tem sempre uma posição de transcendência quanto a *tu*; **apesar disso, nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares, mas segundo uma oposição 'interior/exterior, e ao mesmo tempo são reversíveis** (BENVENISTE, 1995, p.286-287, *itálicos do autor*).



A impossibilidade de existir um ego sem o alter é que vai orientar Benveniste (1995) em sua concepção de linguagem como uma atividade constitutiva. Interessa, ainda, apontar na definição apresentada o caráter complementar da relação EU e TU em que se fundamenta a proposição de Benveniste (1995), bem como seu aspecto eminentemente social.

Antes de Benveniste (1989; 1995), Bakhtin (2010; 2011) e Bakhtin e Volochínov (2009) – expoentes do grupo que ficou conhecido como Círculo de Bakhtin – promoveram seus estudos sobre linguagem na perspectiva da interação verbal, refletindo sobre questões de língua em termos enunciativos e suas implicações sociais e ideológicas. A concepção de linguagem que sustenta a reflexão desses autores também se afasta da ideia de linguagem como instrumento de comunicação, posto que tal concepção parte de um pressuposto que opõe o homem e a natureza, do mesmo modo como também argumenta Benveniste (1995).

Os autores russos igualmente refutavam o caráter meramente instrumental da linguagem ao afirmarem que “[...] não se trata [a linguagem] de um meio ou de um instrumento que serve para atingir fins exteriores a ela, mas de um organismo vivo, funcionando em si e para si. Essa autossuficiência criadora da linguagem manifesta-se na imaginação linguística” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p.190).

Além de refutarem o caráter instrumental da linguagem, outra proposição em comum aproxima Benveniste, Bakhtin e Volochínov mutuamente: o pressuposto de que não existe nenhum humano reduzido a si mesmo e que é um homem falando que encontramos no mundo. À luz desse pressuposto, Benveniste (1995) postula que “[...] todo homem se coloca em sua individualidade enquanto eu por oposição a tu e ele. Este comportamento será julgado ‘instintivo’”. (BENVENISTE, 1995, p. 68, *itálicos do autor*). Já Bakhtin e Volochínov (2009), na mesma linha argumentativa, igualmente defendem que só é possível conceber a existência de um homem diante do outro.

Considerando esse pressuposto, portanto, a palavra é sempre socialmente orientada e habitada, simultaneamente, pela valoração de quem a enuncia em conflito com a valoração do outro a quem ela é dirigida. Por isso Bakhtin (2010) afirma que “[...] no campo de quase todo enunciado ocorre uma interação tensa e um conflito entre sua palavra e a de outrem, um processo de delimitação ou de esclarecimento dialógico mútuo.” (BAKHTIN, 2010, p.153).



Em vista dessa interação tensa e conflitiva, ao colocarem em evidência o intrínseco traço social e ideológico, numa mirada marxista, que marca a enunciação, Bakhtin e Volochínov (2009) caracterizam-na assim:

[...] o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p.116, grifos acrescentados).

Juntamente com essa questão hierárquica ressaltada por Bakhtin e Volochínov (2009) é necessário salientar que as categorias que compõem o aparelho formal da enunciação – enunciadores/enunciatários, tempo, espaço e referência formam um modelo constante de interação, cujas realizações modificam-se em função dos propósitos interlocutivos. A enunciação, portanto, quando tomada como operador de leitura de textos literários, ganha terreno bastante fértil, uma vez que textos literários costumam estar abertos a diversas e distintas cenas enunciativas sem um comprometimento com a verdade factual, conforme ocorre em outros campos da atividade humana.

Nesse sentido, então, vale, na interface literatura e vida social, trazer para a discussão a obra seminal de Antonio Candido, o famoso “Literatura e sociedade” (2014, [1965]). Nesta obra, Candido argumenta que

A literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra (Candido, 2014, p. 187).

O que gostaríamos de destacar na proposta crítica de Antonio Candido (2014) é a ênfase feita por ele ao afirmar que a escrita de literatura é uma forma ordenadora, responsável por (re)organizar o mundo na configuração da obra literária. Essa forma, fruto de estratégias autorais, também promove a constituição de diversas relações que são estabelecidas por enunciadores e enunciatários, situados temporal e espacialmente, na construção mútua de referentes no jogo da escrita literária proposto pelos autores de literatura.



3 CONCLUSÃO

Fundamentada no conceito de enunciação (BENVENISTE, BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009), além das considerações sobre literatura e vida social, desenvolvidas por Antonio Candido (2014), esta pesquisa analisou como se processam algumas contradições na construção de alguns personagens do conto “Os primos de Campos”, de Chico Buarque, bem como são observadas algumas relações raciais insinuadas no referido conto em função do expediente da contradição.

Observou-se, ainda, como a ficção, por não ter um comprometimento com a verdade factual, potencializa e problematiza alguns das questões candentes da vida social brasileira. A leitura atenta do conto tomado como *corpus* deste trabalho, dada sua potência enunciativa, (des)vela algumas das diversas perversidades que constituem a vida social brasileira. Tais perversidades, por sua vez, ao serem tratadas pela óptica da ficção, podem oferecer ao leitor a experiência de serem afetados pelos personagens e não apenas acessar dados estatísticos de que se costumam valer outras ciências ao investigarem alguns gargalos da sociedade brasileira.

Além disso, o jogo de contradições proposto por Chico Buarque oferece a possibilidade para o leitor de perceber as fronteiras pouco demarcáveis na cena social brasileira envolvendo, por exemplo, forças policiais e milicianas, o supremacismo branco encarnado por um personagem negro e periférico ou, ainda, o exercício da intolerância religiosa praticado por uma personagem religiosa e defensora dos “bons costumes”.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 13.ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação**. Trad. Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et. al. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luísa Neri. 4. ed. – Campinas, S.P.: Pontes, 1995 (vol. I).
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães *et al.* 2. ed. – Campinas, S.P.: Pontes, 1989 (vol. II).
- BUARQUE, Chico. **Anos de chumbo e outros contos**: São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.